
ENGAJAMENTO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO INTELLECTUAL NA OBRA LITERÁRIA DE JEAN-PAUL SARTRE

Engagement: considerations about the intellectual in the literary
work of Jean-Paul Sartre

PAULO SERGIO DA MOTA PEREIRA

Mestre em Filosofia - UFPB

E-mail: professorsergio84@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a figura do intelectual no pensamento de Jean-Paul Sartre, mais especificamente no âmbito de sua literatura. Para tanto, foram escolhidos dois personagens, Antoine Roquentin, do romance *A Náusea* (1938), e Hugo, da peça de teatro *As mãos sujas* (1948), personagens que representam bem o antagonismo entre o intelectual engajado e o falso intelectual. Dizemos isto porque o conceito de intelectual sartriano é indissociável do engajamento, de maneira que, para Sartre não há intelectual sem se engajar.

Palavras-chave: Sartre. Intelectual. Engajamento.

Abstract: This article aims to present a discussion concerning to the figure of the intellectual according Jean-Paul Sartre's considerations, more specifically within the scope of his literature. For that, the two characters Antoine Roquentin, from the novel *Nausea* (1938), and Hugo, from the play *Dirty Hands* (1948) were chosen, once they very well represent the antagonism between the engaged intellectual and the false one. It is said because the intellectual Sartrian concept is inseparable from engagement, so that, for Sartre, there is no intellectual without engaging.

Keywords: Sartre. Intellectual. Engagement.

INTRODUÇÃO

Seria possível definir objetivamente um intelectual? Eis uma questão aparentemente banal, mas que merece uma reflexão que transcenda certa compreensão do senso comum e, por que não dizer, algumas posições acadêmicas acerca da questão. Este breve artigo tem como objetivo principal discutir a posição de Jean-Paul Sartre sobre do assunto. A pesquisa fundamenta-se, principalmente, em duas obras literárias de Sartre, romance *A Náusea* (1938) e a peça de teatro *As mãos sujas* (1948). Abordaremos, sobretudo, como o filósofo apresenta a questão na figura de dois personagens fundamentais para as referidas tramas, Antoine Roquentin, de *A Náusea*, e Hugo, um dos protagonistas da já mencionada peça de teatro. Entretanto, não se pode tratar do assunto em Sartre, sem aludir a três conferências proferidas pelo autor no Japão, na década de 1960, posteriormente reunidas em um pequeno livro intitulado *Em defesa dos intelectuais* (1972).

A questão do intelectual em Sartre está inteiramente ligada a outro conceito fundamental de seu pensamento, desta feita, não acreditamos que seja possível responder à questão proposta sem passar pelo conceito de *engajamento*, que permeia toda a discussão acerca do tema proposto. Justifica-se, assim, o diálogo com tal conceito ao longo de nosso texto, bem como o título escolhido para este artigo.

Este artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica nas obras de Sartre que tratam da questão do intelectual, bem como de comentadores que se dedicam ao estudo do tema proposto.

O presente estudo torna-se relevante pelo fato de que a questão do intelectual, apesar de ser amplamente discutida ainda está muito distante de ser esgotada. De antemão, esclarecemos que não temos a mínima ilusão de resolver a questão nas poucas páginas deste artigo, porém, esperamos que nossa intervenção seja de alguma valia para esta discussão.

Apesar de se tratar de um tema amplamente debatido, conforme afirmamos acima, a abordagem que trazemos neste artigo tem como particularidade o fato de tratar da temática no campo da literatura, no que podemos chamar de realidade vivida dos personagens sartrianos.

A base teórica deste artigo, além das obras de Sartre já citadas, fundamenta-se nas reflexões de autores que antes de nós dedicaram seus estudos ao tema proposto dando sua importante contribuição para o debate. Dentre eles podemos citar: Rodrigo Davi Almeida, Norberto Bobbio, André Constantino Yazbek e Renato Janine Ribeiro.

SOBRE O CONCEITO DE INTELLECTUAL EM SARTRE

Para início de nossas reflexões, será de alguma valia colocar algumas questões para nortear nossas discussões. Desta feita, poderíamos propor os seguintes questionamentos: Um cientista é um intelectual? Um acadêmico pode ser considerado um intelectual? E ainda: Um intelectual tem um papel definido na sociedade?

Encontrar um conceito unívoco de intelectual, se é que ele realmente existe, não parece ser uma tarefa das mais fáceis, dada a gama de posições a esse respeito. No entanto, há algumas características que parecem cercar essa figura, por exemplo, parece consensual que a definição de intelectual está sempre ligada a alguém que se destaca no interior de sua classe social, ou mesmo da sociedade como um todo. Poderíamos citar ainda, o fato de ser alguém que se encontra de posse de um determinado saber. De acordo com Norberto Bobbio (1997, p. 58,59) “A comunidade dos intelectuais, que é por excelência uma comunidade fora das pátrias, uma comunidade cosmopolita, parece particularmente adequada para intervir no debate sobre os grandes temas”. Portanto, segundo Bobbio, o intelectual é alguém que por definição se destaca dos demais por sua capacidade de intervenção em temas relevantes para a sociedade. Em outras palavras, o intelectual, de certa forma representa sua classe, ou seu grupo social em questões nas quais é mais versado, o que de certo modo, elevaria os intelectuais a uma posição de destaque em relação aos demais membros da sociedade.

No tocante a Sartre, o conceito de intelectual, está estritamente ligado às questões políticas e sociais de seu tempo. Na obra *Em defesa dos intelectuais*, ele aborda a questão nos seguintes termos:

E, caso se queira um exemplo dessa concepção comum do intelectual, direi que não chamamos de “intelectuais” os cientistas que trabalham na fissão do átomo para aperfeiçoar os engenhos da guerra atômica: são cientistas, eis tudo. Mas, se esses mesmos cientistas, assustados com a potência destrutiva das máquinas que permitem construir, reunirem-se e assinarem um manifesto para advertir a opinião pública contra o uso da bomba atômica, transformam-se em intelectuais (Sartre, 1994, p. 15).

De acordo com o supracitado, fica evidente, que para Sartre, é preciso separar o intelectual do técnico, daquele que utiliza o saber para apenas desempenhar uma atividade prática. Desta feita, o intelectual se distingue

por uma atitude crítica, ou mesmo por uma atitude questionadora acerca de uma atividade corriqueira. Enquanto o técnico ou o cientista se limita a executar uma função, o intelectual caracteriza-se por uma atitude questionadora dos valores e interesses implícitos nesta atividade.

Assim, o intelectual é o homem que toma consciência da oposição nele e na sociedade, entre a pesquisa da verdade prática (com todas as normas que ela implica) e a ideologia dominante (com seu sistema de valores tradicionais). Essa tomada de consciência – ainda que, para ser real, deva se fazer, no intelectual, desde o início, no próprio nível de suas atividades profissionais e de sua função – nada mais é que o desvelamento das contradições fundamentais da sociedade, quer dizer, dos conflitos de classe e, no seio da própria classe dominante, de um conflito orgânico entre a verdade que as reivindica para seu empreendimento e os mitos, valores e tradições que ela mantém e que quer transmitir às outras classes para garantir sua hegemonia (Sartre, 1994, p. 30-31).

20 O intelectual é aquele que questiona os “valores” estabelecidos pela classe dominante com a intenção de garantir sua hegemonia em detrimento da liberdade das massas. Ou seja, o intelectual é aquele que tomando consciência da universalização de modelos estabelecidos pela citada classe, se coloca como voz daqueles a quem foi negada pelos mecanismos opressores da estrutura construída historicamente pela classe dominante, pois, no dizer de Sartre (1994, p. 39-40), “todos os que hoje assumem o ponto de vista universalista garantem: o universal é feito de falsos intelectuais. O verdadeiro intelectual – quer dizer, o que no mal-estar, se torna um monstro – inquieta: o universal está por se fazer”. Atentemos para o fato de Sartre afirmar que o universal é feito de falsos intelectuais. Em outras palavras, os ditos valores universais impostos pelas classes dominantes não são absolutos, mas relativos. Os valores universais, na verdade, fazem parte de uma superestrutura que tem como objetivo manipular as massas. Os que se colocam como “cães de guarda” destes valores são falsos intelectuais.

Diferentemente dos falsos intelectuais, o intelectual apontado por Sartre apresenta-se como um “monstro”, justamente por sua atividade dissonante, por vezes, incompreendidos pelos próprios membros de sua classe. Por fim, o intelectual sartriano é aquele que não se acomoda diante das injustiças, mesmo que ele mesmo acabe por sofrê-las, em outras palavras, o intelectual não é alguém que se engaja.

O AUTODIDATA E A CRÍTICA SARTRIANA AO INTELLECTUAL DE BIBLIOTECA

Feitas as ponderações acerca do conceito de intelectual em Sartre, podemos nos dedicar a partir deste instante a aprofundar como a questão proposta aparece na história vivida de seus personagens.

No tocante à obra literária de Jean-Paul Sartre encontra-se aí um campo bastante propício para colocar essa discussão, tendo em vista que seus personagens representam em forma de realidade vivida as questões postas em suas obras sistemáticas de filosofia. É nos dilemas da existência de seus personagens que as questões mais preeminentes do pensamento sartriano se encarnam. Desta feita, não raro, observa-se em suas obras literárias às discussões acerca da figura do intelectual. Nesta perspectiva, um exemplo a ser observado é o Autodidata, personagem coadjuvante do romance *A Náusea*. Esse personagem, sem nome, chamado apenas de Autodidata, é alguém que vive em uma biblioteca, fazendo leituras inexpressivas, e que tem a pretensão de ser um intelectual. Sobre essa questão, há uma passagem no citado romance que representa bem a concepção de Sartre acerca dessa figura. Observemos, pois, o que diz Antoine Roquentin, personagem principal do romance, sobre o Autodidata:

Contemplo-o com uma espécie de admiração. Que vontade tem que ter para realizar lentamente, obstinadamente, um plano de envergadura tão vasta! Um dia, faz sete anos (ele me disse que estudava havia sete anos), entrou com grande pompa nessa sala. Percorreu com um olhar os inúmeros livros que cobrem as paredes e deve ter dito, mais ou menos como Rastignac: “agora nós, da primeira prateleira da extrema direita; abriu-o na primeira página, com um sentimento de respeito e terror, acompanhado de uma decisão inquebrantável. Atualmente está na letra L. K depois do J, L depois de K. passou brutaemente dos estudos dos cleópteros para a teoria dos quanta, de uma obra sobre Tamerlão a um panfleto católico contra o darwinismo: em momento algum se desconcertou. Leu tudo; armazenou em sua cabeça a metade do que se sabe sobre a paternogênese, a metade dos argumentos contra a vivissecação. Atrás dele, diante dele, há um universo. E se aproxima o dia em que dirá, fechando o último volume da última prateleira da extrema esquerda: “E agora?” (Sartre, 2002, p. 53-54).

O Autodidata é para Roquentin uma figura desconcertante, imersa em um intelectualismo infértil. Um idealista que tem pretensão se tornar sublime e “versado” sobre muitas coisas. Alguém que é capaz de ler todos

os livros de uma prateleira, ou mesmo de uma biblioteca, “armazenar tudo em sua cabeça”, mas que ao final, não consegue nem mesmo compreender para que o fez. Em outras palavras, uma tarefa inútil.

A figura do Autodidata e suas manias é estranha, porque para Sartre, o intelectual não pode permanecer no campo das ideias abstratas, na verdade, os que se dedicam meramente a especulações abstratas nem podem ser nomeados intelectuais, pois “o intelectual é alguém que se mete no que não é da sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade [...]” (SARTRE, 1994, p. 14-15). Em outras palavras, é preciso comprometer-se, é preciso tornar-se um questionador.

O lugar que o Autodidata ocupa em *A Náusea* parece dar vida a crítica de Sartre aos “intelectuais” que se ocupam dos valores supremos, como defendia Julien Benda ser o ofício do intelectual. Podemos ver essa concepção explícita na fala de Norberto Bobbio ao citar o autor: “[...] Os intelectuais têm a missão de defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que subordinam sua atividade aos interesses contingentes, às paixões irracionais da política, traem sua missão”. (BENDA, apud, Bobbio, 1997, p. 32). Em outros termos, para Benda, os intelectuais devem estar empenhados em defender os valores eternos, e acima de tudo, não devem se meter em política.

Contrariamente a essa concepção, Sartre diz que os intelectuais devem estar empenhados em resolver os problemas de seu tempo, devem se meter nas questões relevantes de sua sociedade, em outras palavras, é preciso “se meter com o que não é de sua conta”, é preciso descer a rua e tomar partido, aderir a uma causa, engajar-se, ou seja, “sujar as mãos”. O Autodidata não parece disposto a engajar-se.

Sartre, por outro lado, defende o “[...] *engagement* como participação política efetiva do intelectual [...]” (Almeida, 2012, p. 29). Desta feita, o intelectual de Sartre encontra-se essencialmente no campo da esquerda, segundo Sirineli, “a posição de Sartre no tocante ao intelectual, inviabilizaria a possibilidade de um intelectual ser de direita, uma vez que o ‘conceito seria contraditório’ (Sirineli, apud, Almeida, 2012, p. 26) E o seria pelo fato de que o conservador não está comprometido com a mudança social, mas está essencialmente preocupado em defender os valores eternos.

O intelectual se define por seu engajamento, de tal maneira, que se alguém não se engaja, não merece a alcunha de intelectual. De acordo com Rodrigo Davi Almeida, essa concepção de Sartre está ligada aos horrores

vivenciados pelo filósofo na Segunda Guerra Mundial, instante no qual Sartre “[...] passa ao *engagement* como participação política do intelectual após ter sofrido o “impacto da História” e ter descoberto a solidariedade humana” (2012, p. 29).

Para Sartre, não há como ser intelectual sem engajar-se, da mesma forma que não há como engajar-se sem, de certa forma, tencionar uma mudança no mundo. Portanto, a posição de cada indivíduo no mundo será demarcada mediante sua ação. Por exemplo, um escritor, o que vai definir sua atuação intelectual é sua posição diante das questões importantes de seu tempo, por isso Sartre defende o engajamento dos escritores, de acordo com ele, o escritor precisa se tornar um crítico de sua própria classe. Sobre isso, assevera Almeida, “ao defender o engajamento do escritor como forma de se relacionar com a sociedade de seu próprio tempo, Sartre destaca a função social intrínseca ao ofício de escritor” (2012, p. 30). Em outras palavras, o que diferencia um escritor comum de um intelectual é o conteúdo de seus escritos, o escritor intelectual é alguém que coloca seu ofício a serviço da crítica social, enquanto o falso intelectual permanece como um defensor dos interesses da burguesia.

O escritor, enquanto um intelectual, não pode se furtar na tarefa de denunciar a injustiças praticada contra as massas. O ofício do intelectual é bem outro que aquele do Autodidata, que mergulhado em leituras de todos os assuntos possíveis é incapaz de fazer de a realizar a tarefa de crítico da sociedade de seu tempo. É preciso “sair da biblioteca” e ir para a rua, é preciso defender as causas sociais mais relevantes de seu tempo.

O ESCRITOR ENQUANTO UM INTELECTUAL: “AS MÃOS SUJAS”

O escritor desempenha no pensamento de Sartre, um papel de destaque no que se refere ao engajamento, dizemos isto, porque para ele o escritor precisa se posicionar diante do mundo no qual está lançado, nunca se escreve para si mesmo, mas seus escritos são sempre direcionados a um público. Em sua obra *Que é a Literatura?* (1947), Sartre define, assim, o escritor engajado: “Eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano do refletido. O escritor é mediador por excelência, e seu engajamento é a mediação” (2015, p. 66-67). Naturalmente, Sartre está

defendendo o engajamento enquanto uma tomada de posição em relação as causas mais importantes de seu tempo. Em outras palavras, Sartre defende o envolvimento dos escritores nas lutas de classe.

Feita a breve exposição sobre o papel do escritor, voltemos à discussão acerca do intelectual, observando como essa discussão aparece na peça de teatro *As mãos sujas*. Vejamos como Sartre aborda essas questões na realidade vivida dos personagens desta trama.

A peça é ambientada no período da Guerra Fria e traz como discussão principal os interesses dentro do Partido Comunista Francês, mais especificamente os interesses entre as duas alas do Partido (radical e moderada), entre as quais se encontra o personagem Hugo, chamado ao longo da trama de intelectual, por seu ofício de escritor em um jornal de esquerda.

A discussão em torno da figura de Hugo está centrada basicamente na seguinte questão: um intelectual, pequeno-burguês é capaz de “sujar a mãos”?

Hugo, um jovem escritor, deseja uma função de maior destaque dentro do Partido, uma missão que realmente “valha a pena”, desta feita, ele resolve cobrar do alto escalão uma atividade de maior responsabilidade, para que ele possa dar algum sentido a sua existência, “eu não tenho vontade de viver”, diz ele a Olga.

Na cena a seguir, Hugo pede a intervenção de Olga para que possa assumir a missão desejada. Vejamos:

Hugo: “[...] Olga, tu tens de me ajudar.

Olga: A fazer o quê?

Hugo: A convencer o Luís de que devo passar para acção directa. Estou farto de escrever, enquanto os outros arriscam a pele. (SARTRE, 1972, p. 30).

A intervenção de Olga acaba por convencer Luís. A missão destinada a Hugo é assassinar Hoederer, membro do Partido, de ideias menos radicais e que pretendia chegar ao poder por meio de uma aliança com liberais e conservadores, isso desagradou os mais radicais, que passaram a vê-lo como um traidor. Apesar de aceitar a missão de pronto, Hugo não consegue realizar a tarefa de imediato, acaba por se afeiçoar a Hoederer, com quem tem longas conversas sobre a metodologia e os interesses dos membros do Partido.

O que pode se observar ao longo da peça é que, aparentemente, Hugo nunca esteve preparado para dar um passo tão decisivo, apesar da

empolgação em entrar para ação direta, que ele julgava ser mais importante do que apenas escrever em um jornal. Entretanto, Hugo não consegue realizar de imediato a tarefa a ele confiada.

A falta de ação de Hugo traz à tona a discussão sobre a capacidade de um intelectual pequeno-burguês de “sujar as mãos”, o próprio Hoederer chama a atenção para essa questão “[...] um intelectual tem sempre que pensar. Antes mesmo de carregares o gatilho, já não terias visto todas as consequências possíveis do teu acto: em ruínas o trabalho de uma vida inteira, uma política deitada abaixo, ninguém para substituir o Partido condenado talvez a nunca conquistar poder (Sartre, 1972, p. 158-159)

Para Hoederer, “é preciso sujar as mãos”, mas Hugo não era capaz disso, era um idealista, um escritor que não tinha a malícia necessária para levar a cabo a missão que lhe foi confiada.

Que medo tens de sujar as mãos! Pois bem, fica puro! Quem é que aproveitará com isso, e porque é que vens então meter-te conosco? A pureza é uma idéia de faquir e de monge. Vocês, os intelectuais, os anarquistas, utilizam-na como um pretexto para não fazer nada. Não fazer nada, ficar imóvel, apertar os cotovelos ao corpo, usar luvas. Pois eu tenho as mãos sujas. Até os cotovelos. Mergulhei-as na merda e no sangue. E depois? Imaginas que se pode governar inocentemente? (Sartre, 1972, p. 126).

25

É preciso “sujar a as mãos” de alguma maneira, seja de sangue, aderindo a um grupo radical e tomar o poder pela força, seja fazendo alianças espúrias, mergulhando assim as mãos na “merda”, como aliás, Hoederer pretendia fazer ao aliar-se a liberais e conservadores para chegar ao governo, afinal de contas, “não se governa inocentemente”, há sempre que se comprometer de alguma forma.

Ao longo da trama, Sartre parece apresentar Hugo como alguém fraco, sua incapacidade de realizar a missão e suas características parecem revelar a pouca importância dada ao personagem. Segundo Renato Janine Ribeiro, essa tese é reforçada por Francis Jeanson, que “elogia Hoederer e mostra, na personagem intelectual, pequeno-burguês – cheio de dúvidas, de pouca potência sexual o desdém de Sartre por uma posição dúbia e vacilante” (Ribeiro, 1995, p. 165). No entanto, o próprio Janine Ribeiro faz questão de discordar da conclusão de Jeanson. Vejamos, então, sua posição acerca da questão:

Não concordo, porém, com Jeanson, [...] Sartre não está inteiramente do lado de Hoederer. Embora despreze Hugo, confere-lhe ao menos um traço básico de sua filosofia: o intelectual não abre mão da responsabilidade pelo ato que cometeu – o assassinado de Hoederer -, ainda que “absurdo” (Ribeiro, 1995, p. 165).

Hugo carrega traços bastante comuns aos personagens de Sartre. Alguém que está imerso em dúvidas, que se encontra lançado no mundo e precisa por si só decidir o que fazer de sua existência. Vejamos que mesmo que a missão de assassinar Hoederer seja lhe atribuída pelo Partido, cabe a ele decidir se executa ou não as ordens do alto comando, as dúvidas são inerentes à ação, mesmo parecendo decidido desde o início em realizar a tarefa, Hugo não consegue puxar o gatilho e executar Hoederer. Isso porque, ao longo da trama, as conversas com o experiente revolucionário fazem com que Hugo passe a vê-lo de uma forma diferente. As longas conversas entre os dois revelam a Hugo um mundo ainda não descoberto por ele, os interesses do Partido parecem conflitantes com os do jovem escritor, em outras palavras, o Partido também parece ter as mãos mergulhadas nos mais lamacentos excrementos. Desta feita, Hugo encontra-se diante de duas possibilidades e precisa escolher uma delas, matar Hoederer e cumprir a missão confiada pelo Partido, mesmo achando que ele tinha razão, ou deixá-lo vivo e arcar com a responsabilidade de sua decisão.

26

Não há como se abster a agir, tampouco há como negar a responsabilidade que está em suas mãos, qualquer que seja a decisão, cabe unicamente a ele as consequências de seu ato. Não há, da mesma maneira, como recorrer a algo fora de si, naquele momento nenhuma moralidade exterior pode se interpor a decisão de Hugo.

A questão é posta nestes termos, porque após uma conversa definitiva com Hoederer, Hugo parece decidir-se não mais matá-lo, sai do escritório envolvido em dúvidas. Neste instante, Hugo vivencia o total desamparo de sua existência, na qual todos os homens estão mergulhados. A decisão compete unicamente a ele. Entretanto, um evento inesperado muda toda a trajetória do enredo. Após a saída de Hugo, Jessica, sua companheira, entra no escritório de Hoederer e começa a seduzi-lo, este acaba por ceder a seus encantos, beijando-a no mesmo instante em que Hugo retorna à sala, flagrando a cena romântica entre os dois. Aparentemente envolvido pelo que presencia, Hugo empunha a arma: “Está a ver, Hoederer? Eu olho para si nos olhos, faço a pontaria, minha mão não treme e não me importo com o que lhe passa na cabeça” (Sartre, 1972, p. 146).

As palavras de Hugo remetem a uma conversa anterior entre os dois, na qual Hoederer diz que os intelectuais são incapazes de cometer crimes, pois não foram feitos para isso, que os crimes são coisas de profissionais, não de pessoas que se dedicam a atividade do pensamento.

O desfecho da cena do assassinato de Hoederer deixa um certo mistério no ar: Hugo matou Hoederer simplesmente pelo fato de tê-lo flagrado com Jessica, ou isso foi apenas mais um motivo? Colocamos essa questão pelo fato de que Hugo não parece muito interessado por sua mulher: “Deixa lá, Jessica, deixa. Não te quero mal por isso e não tenho ciúmes; nós não nos amávamos. Mas ele, ele é que por pouco não me apanhava. ‘Eu te ajudarei, darás um homem muito aceitável’ que parvo que fui! Ele estava a gozar comigo” (Sartre, 1972, p. 148).

A questão do intelectual permeia toda a trama. Na verdade, o que se discute sobre o intelectual não é simplesmente o seu papel, mas o próprio conceito de intelectual. Em outras palavras, a questão que se impõe é a seguinte: O que faz de um homem um intelectual? De acordo com André Constantino Yazbek, (2017, p.161) “o intelectual sartriano faz da experiência da escrita o lugar de uma intervenção política”. Desta feita, podemos asseverar que o que faz do homem um intelectual é sua capacidade de se posicionar diante da situação política de seu tempo, em outras palavras, é sua capacidade de engajar-se.

É interessante notar que, para Hugo, o engajamento é algo real, seja na função de escritor, pela qual ele é chamado de intelectual, seja pela ação direta, confiada pelo Partido na qual ele deveria assassinar Hoederer. Hugo não se exime da responsabilidade, seja como escritor de esquerda, seja empunhando uma arma. Em outras palavras, o intelectual deve estar disposto a agir, mesmo porque não há como não “sujar as mãos”, seja no sangue, seja na “merda”. Mesmo os que se negam a agir, de alguma forma “sujam as mãos”. Escrever é uma atividade intelectual desde de que o escritor esteja disposto a engajar-se nas lutas sociais.

O AUTODIDATA E A IMAGEM DO PSEUDOINTELCTUAL

Voltemos ao Autodidata, para tentar elucidar melhor a concepção de intelectual de Sartre, bem como a importância fundamental do engajamento para a própria concepção, visto que intelectual e engajamento se confundem no interior da obra do filósofo francês.

Apesar das semelhanças entre Hugo e o Autodidata, é possível observar também algumas diferenças fundamentais entre os dois. Inicialmente, é preciso destacar a posição de desprezo com a qual Sartre trata o personagem de *A Náusea*. Ele é visto por Roquentin desde o início do romance, como alguém desprezível, cujas posições são totalmente irrelevantes.

Interroga-me com os olhos: aprovo, sacudindo a cabeça, mas sinto que está um pouco decepcionado, que desejaria mais entusiasmo. Que posso fazer? É culpa minha se em todo o que ele disse reconheço incidentalmente a citação alheia? Se vejo reaparecerem, enquanto fala, todos os humanistas que conheci? E conheci tantos! O humanista radical é particularmente amigos dos funcionários. O humanista dito ‘de esquerda’ tem como principal preocupação conservar os valores humanos; não adere a nenhum partido, pois não quer trair o humano, mas suas simpatias se voltam para os humildes; é aos humildes que dedica sua maravilhosa cultura clássica (Sarte, 2002, p. 173).

O Autodidata representa de forma inequívoca o pseudointelectual sartriano, tendo em vista suas concepções não passarem à prática. Era um humanista convicto, leu todos os pensadores possíveis sobre o assunto, decorou as frases e citações e faz questão de citá-las com ar sublime, mas que, assim como os humanistas que leu, não foi capaz de aderir a um partido ou se dedicar a uma causa, em outras palavras, não foi capaz de engajar-se.

Ao relacionar o Autodidata e Hugo, percebe-se uma diferença fundamental entre eles. Apesar da aparente fraqueza de Hugo, que Sartre faz questão de personificar na sua fraca potência sexual, este desde o início da trama manifesta o desejo de engajar-se. Além de já ser membro de um Partido, deseja engajar-se em algo que considera mais importante do que apenas escrever artigos para um jornal. Hugo parece disposto a “sujar as mãos”, a assumir responsabilidades, mesmo que seja por um motivo alheio a causa a que aderiu. Para Renato Janine Ribeiro (1995, p. 165), “Hugo é o matador de Hoederer. Os motivos terão sido maus, não importa. Ele não pode renegar o que fez.”

Se por um lado trajetória de Hugo é permeada pelo engajamento, mesmo que um engajamento que por vezes parece inocente, por outro, o Autodidata não consegue se libertar de suas concepções idealistas e aderir a uma causa, em outras palavras, o Autodidata renega o engajamento. Por isso, ao longo de todo o romance, Sartre procura demonstrar o quão desconcertante é essa figura, tendo em vista que era um pretense intelectual,

mas que não conseguia transformar em prática as teorias vistas nos livros. Um humanista que se limita a declarar seu amor por todos os homens, mas que não é capaz de lutar em favor deles.

O Autodidata representa o ideal de um “intelectual burguês”, se é que existe esta figura, tendo em vista ser ele alguém que não parece preocupado com as questões políticas de seu tempo. O Autodidata parece ser “porta voz de valores emancipatórios (da burguesia) para melhor naturalizar a sua dominação” (Yazbek, 2017, p. 160). Em outras palavras, o Autodidata parece prestar-se ao papel de guardião dos valores burgueses, que não têm outro objetivo que não seja naturalizar a exploração do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de intelectual de Jean-Paul Sartre está para além de um “homem das letras”, de um cientista, ou simplesmente um homem culto. O intelectual para Sartre caracteriza-se por seu engajamento. Em outras palavras, o intelectual é um revolucionário, é alguém que se coloca como crítico da sociedade de seu tempo.

Ao longo deste breve estudo, procuramos compreender como Sartre apresenta a questão do intelectual nas suas obras literárias, mais especificamente no romance *A Náusea* e na peça de teatro “As mãos sujas”. Nas referências feitas às obras, percebemos que a questão posta por Sartre nas conferências sobre os intelectuais proferidas no Japão na década de 1960, já apareciam em forma de realidade vivida nas ações dos personagens das referidas tramas.

Primeiramente apresentamos a situações vividas por Hugo na peça teatral “As mãos sujas”. Nele, Sartre apresenta duas formas de engajamento. Em primeiro lugar, Hugo é visto como um intelectual por seu ofício de escritor, em seguida, Hugo se engaja na ação direta do Partido, passando da teoria à prática, como aliás, o próprio Sartre o fez em alguns momentos de sua vida, além de ser alguém que se dedicou a escrita engajada, é conhecida a ação prática de Sartre, como na ocasião em que desceu a rua para entregar panfletos por uma causa que defendia.

O engajamento de Hugo, porém, não se repete no Autodidata, personagem do romance *A Náusea*, este, por sua vez, apesar de ser um leitor voraz, não consegue aderir a uma causa. As leituras que fazia parece lhe servir de alimento ao ego. O personagem parece acomodado com o mundo, com as coisas ao seu redor, não tenciona de forma alguma mudar, não

busca transformar a realidade. Desta feita, para Sartre, o Autodidata não é um intelectual, mesmo que seja versado em muitos assuntos.

Para Sartre, o intelectual é antes de tudo um revolucionário, alguém capaz de engajar-se. Entretanto, cabe aqui ressaltar, que não há neutralidade, de alguma forma há que se “sujar as mãos”, pois se alguém se nega a sujá-las no sangue da luta, suja-as nos excrementos de sua covardia. Em outras palavras, o intelectual se define por uma militância essencialmente de esquerda, tendo em vista ser inconcebível o intelectual conservador, que tenha como objetivo resguardar valores burgueses, que, em suma, procuram naturalizar a dominação classe burguesas sobre as massas.

Diante do exposto, percebe-se que o conceito de intelectual não se resume a um ofício desempenhado por alguém, mas por seu engajamento. Vejamos, por exemplo, o ofício de escritor, o que diferencia o verdadeiro e o falso intelectual nesta atividade é sua posição crítica diante da sociedade na qual vive e para qual escreve, ou seja, o intelectual é o escritor que se engaja, que toma consciência das contradições da sociedade e toma posição em relação a elas.

Ao iniciar este breve estudo, colocamos algumas questões que julgávamos importantes para a discussão do tema proposto, ao chegar às últimas linhas, nos perguntamos se conseguimos respondê-las a contento, talvez não tenhamos conseguido, entretanto, a todo instante nos esforçamos para respondê-las, se não conseguimos, nos servirão como base para investigações futuras.

30

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicos de Jean-François Sirineli, Jean-Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais.** Revista Territórios e Fronteiras, Vol. 5, n. 2, jan-jul - Cuiabá: 2012.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea.** Tradução de Marco Aurélio Nogueira. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- RIBEIRO, Renato Janine Ribeiro. **O intelectual e seu outro: Foucault e Sartre.** Tempo social; Ver. Sociol. USP - São Paulo: 163-173, outubro de 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **As mãos Sujas**. Tradução de Antônio Coimbra Martins. – Publicações Europa-América, 1972.

_____. **Em defesa dos intelectuais**. - São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

YAZBEK, André Constantino. **Sartre versus Foucault: um embate sobre a teoria e a prática intelectual**. Revista Dois Pontos, Vol. 14, número 1. - Curitiba, São Carlos, 2017.